

O INFAMILIAR FREUDIANO E SUAS REVERBERAÇÕES POLÍTICAS NA EXTREMA DIREITA

The Freudian uncanny and its political reverberations in the far-right

Lo inquietante Freudiano y sus reverberaciones políticas en la extrema derecha

José Luiz Aidar Prado¹
Rafael Santos Burgos²

DOI: 10.31501/esf.v3i31.15204

Resumo: A abordagem une estudos da linguagem troll de extrema direita à semiótica discursiva, passando por uma investigação do conceito freudiano do infamiliar, examinando como a extrema direita busca esvaziar os signos do campo progressista por meio da estratégia de inversão estético-discursiva. O infamiliar opera, nesses casos, a partir do regime imitativo, introduzindo um aspecto de invenção na imitação, criando um efeito discursivo antissistema.

Palavras-chave: Comunicação política. Psicanálise. Infamiliar. Regimes semióticos de propagação nas redes. Bolsonarismo.

Abstract: The present approach unites studies of far-right troll language with discursive semiotics, including an investigation of the Freudian concept of the uncanny, examining how the far-right seeks to empty the signs of the progressive field through the strategy of aesthetic-discursive inversion. The uncanny operates, in these cases, based on the imitative regime, introducing an aspect of invention into the imitation, creating an anti-system discursive effect.

Keywords: Political Communication. Psychoanalysis. The uncanny. Semiotic regimes of propagation on network. Bolsonarism.

Resumen: El enfoque une estudios del lenguaje troll de extrema derecha con la semiótica discursiva, incluida una investigación del concepto freudiano de lo inquietante, examinando cómo la extrema derecha busca vaciar los signos del campo progresista a través de la estrategia de inversión estético-discursiva. Lo inquietante opera, en estos casos, a partir del régimen imitativo, pero introduciendo en la imitación un aspecto de invención, creando un efecto discursivo antisistema.

Palabras-clave: Comunicación política. Psicoanálisis. Lo inquietante. Regímenes semióticos de propagación en redes. Bolsonarismo.

¹ Doutor; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo - SP, Brasil. aidarprado@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-9540-7115>

² Mestre, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo - SP, Brasil. burgossrafael@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-0564-656X>

1. Introdução

Diferentes autores têm apontado para a relação perversa estabelecida pela extrema direita com o neoliberalismo. Se, por um lado, no atual conflito distributivo, seu projeto político representa um *backlash* contra avanços econômicos e sociais de grupos desfavorecidos em diferentes sociedades, por outro, seu discurso parece esticar as próprias contradições do sistema ao seu limite, dinâmica que leva autores como Kotsko (2018) e Žižek (2015, p.471) a destacarem a dimensão paródica de sua adesão ao neoliberalismo – como se houvesse, na forma de seu discurso, um engajamento com o sintoma que evoca a estratégia anticapitalista do começo de século. Se a própria esquerda parece se acomodar à defesa das mesmas instituições que antes ela criticava, a extrema direita buscou *desfamiliarizar* o sistema, ocupando, em muitos momentos, o duplo espaço de seu realizador e crítico.

Começemos lembrando o diagnóstico de três autores especializados na cultura de internet, que forneceu a esse movimento político linguagens e estéticas cruciais para sua eficácia comunicativa. Phillips (2015), Nagle (2017) e Beran (2019) convergem ao destacar um certo espelhamento infamiliar típico à internet dos *trolls* em sua apropriação do *ethos* de autonomia e transgressão próprios ao capitalismo de consumo³. Em sua obra, Beran (2019, pos. 102) busca “rastrear a maneira pela qual cultura e contracultura, a internet e a realidade, a política e o entretenimento, vieram a se refletir um no outro numa espécie de *hall* de espelhos”, diagnóstico que dialoga com o recente livro da pesquisadora

³ O mundo atual do capitalismo comunicacional convoca para a hiperconexão. Como diz Veras, “o projeto do capitalismo é formar uma “sociedade de adictos”, que vivem o mundo “como uma enorme playlist a serviço de nosso bem-estar” (2023, p.169). A economia pulsional desse sistema vive da hiperatividade desses adictos, convocados ao sucesso (neoliberal) hiperconectado e a gerar atenção sem cessar (Prado, 2017; 2022). O algoritmo opera nessa economia pulsional (Prado, 2020) que motiva todos a buscarem satisfação, consumindo sempre, e a “produzir grandes bolhas de segregação” (Veras, 2023, p.170), criando nichos isolados. A extrema direita se insere nesse universo, aparecendo como infamiliarmente transgressiva, parodiando modos do campo progressista – ao fazê-lo, entretanto, os anula, ao adotá-los como pura forma.

Dossiê: Comunicação infamiliar

Naomi Klein (2023), denominado *Doppelganger*. Em seu exame dos confrontos discursivos da pandemia, Klein investiga os “duplos sinistros” (2023, p.16) de nossa cultura, na qual a extrema direita desempenha a função de “espelhar crenças e preocupações que jogam luz sobre os fracassos e os silêncios do campo progressista” (2023, p.89). No mundo do espelho descrito por Klein, “há sempre uma resposta em forma de imitação, com frequência usando palavras-chave parecidas”. (2023, p.111)

2. O aporte freudiano

Para entender esse espelhamento infamiliar é preciso retomar o conceito freudiano do *Unheimlich*. Freud parte do sentido de infamiliar como o inquietante, que suscita angústia e horror, apontando haver um núcleo "que justifique a utilização de uma palavra-conceito específica", ou seja, que permita "diferenciar, no interior do angustiante, algo como 'infamiliar' (2020, p.29). Como o íntimo pode se tornar infamiliar? O familiar é o doméstico, o íntimo; o que é novo pode se tornar infamiliar, mas para isso é preciso acrescentar algo ao familiar que o torne estranho, estrangeiro, desconfortável ou sombrio. Pesquisando o sentido de familiar, o pai da psicanálise mostra, a partir de análise lexicológica, como nuances do significado de familiar coincidem com o infamiliar, indicando que a palavra familiar (*heimlich*) não é clara, ou seja, há uma ambivalência que leva o familiar a se fundir com seu oposto: "infamiliar é, de certa forma, um tipo de familiar" (Freud, 2020, p.49). Para tal, vai à literatura, trazendo o conto de Hoffmann "O homem de areia", no qual o personagem Natanael fica aterrorizado com o relato de sua babá a respeito de uma criatura que lança areia nos olhos das crianças. Segundo a história, o homem de areia provoca o saltar dos olhos, que são colocados em sacos, e então os leva para

Dossiê: Comunicação infamiliar

alimentar animais. Com isso, Natanael entra num circuito familiar que coloca em cena o pai, o advogado e um vendedor ambulante de óculos, até se desinteressar pela noiva ao se apaixonar por uma boneca-autômato e enlouquecer.

Como diz Iannini, o infamiliar "aborda uma estética que, longe de reconciliar o sujeito com um horizonte ideal de apaziguamento da pressão pulsional, confronta-o com um regime estético que o desaloja, que faz com que não nos sintamos mais em casa" (Iannini, 2024, p.252). Ao dizer 'seu rosto é familiar', pode se insinuar: 'mas não me lembro de onde o conheço', introduzindo, como diz Iannini, reverberações ambíguas: "o *unheimlich* é uma negação que se sobrepõe ao *heimlich* apreendido tanto positiva quanto negativamente; é, portanto, uma reduplicação dessa negação, que acentua seu caráter angustiante e assustador" (Iannini, 2024, p.257). O familiar desliza para o secreto e o escondido, mas a ambiguidade está já no *heimlich*: "o conceito freudiano, o que é propriamente *unheimlich* nega e redobra essa ambiguidade" (Iannini, 2024, p.258). Iannini lembra o conceito de *sacer* em Agamben, que é o sagrado, mas também o maldito, o que pode ser morto. Não é possível entender a perspectiva freudiana sem esse trânsito paradoxal entre o interior e o exterior, entre o íntimo e o êxtimo. O angustiante não é o que vem de longe, mas o que está próximo, o íntimo. Esse mais fora que está próximo Lacan chamará de êxtimo.

O que tememos, aquilo que odiamos, não é o mais exterior a nós, mas o mais exterior *em* nós. Isso vai longe: prato fino, pronto para ser servido no banquete, para muitos indigesto, do debate político sobre a luta antirracista, que passa, necessariamente, por um letramento racial, incluindo aí o enfrentamento do fantasma da branquitude. (Iannini, 2024, p.253)

Dossiê: Comunicação infamiliar

A partir daí o racismo, "rejeitado em mim mesmo, retorna projetado no Outro, numa espécie de topologia política da extimidade" (Iannini, 2024, p.253). O que nos angustia não é o estranho, mas o mais familiar.

Como diz Dunker (in Freud, 2020), Freud nesse texto de 1919 está antecipando a segunda tópica, com sua nova teoria das pulsões, marcada pela repetição e pela angústia. Isso levará ao artigo de 1925 sobre a análise lógica das negações: "o sentimento de infamiliaridade indicaria uma espécie de déficit de simbolização que remanesce na crença de que o pensamento possui poder causal sobre fatos do mundo" (Dunker in Freud, 2020, p.200). Para Dunker o *unheimlich* é um sentimento que depende de uma "partilha social de afetos":

Se entendemos os sentimentos como uma experiência intersubjetiva ou social de reconhecimento compartilhado de afetos, pulsões ou estímulos, a familiaridade constitui um paradigma dos sentimentos em geral. (...) *Unheimlich* pertence a esse pequeno círculo de palavras fundadoras da psicanálise que tem por característica o prefixo negativo (*Un*), como *Unbewusste* (inconsciente) e *Unbehagen* (mal-estar). São elas que nos mostram como a negação de um conceito determinado, como consciência (*bewusst*) ou bem-estar (*behagen*), cria sentidos completamente diferentes do que se espera pela mera oposição inversora. Nesses casos não estamos diante apenas de negações determinadas, como entre antônimos, nem de negação indeterminada, na qual a negação não tem valor correlacional. (...) É por isso que a negação da familiaridade (*heimlich*) não corresponde nem ao estrangeiro, como negação positiva do familiar, nem ao estranho, como alheio ou indiferente, correspondente ao caso da negação indeterminada. (...) Trata-se de uma oposição parcial, e não de toda 'alheidade' ". (Dunker in Freud, 2020, p.203)

Se no início do ensaio Freud parte de um infamiliar definido com relação a um estado de coisas, em seu desenvolvimento passa a indicar "um efeito de transformação da realidade como processo" e ao final resulta a "experiência de comunidade discursiva ou partilha de linguagem para que algo surja

Dossiê: Comunicação infamiliar

como revelação, fracasso ou enigma de reconhecimento" (Dunker in Freud, 2020, p.204; Prado, 2017a).

A experiência da infamiliaridade depende, diz Dunker, de três indeterminações:

A primeira estabelece um nexo entre novidade e estranheza. A segunda expressa incerteza intelectual ou conflito judicativo. A terceira envolve desorientação, perda do sentimento de pertencimento ou de crença na realidade. Especialmente no início do ensaio a susceptibilidade ao sentimento de infamiliaridade parece constituir um indicador psicopatológico, uma vez que 'quanto mais uma pessoa se orienta por aquilo que se encerra a sua volta, menos é atingida pela impressão de infamiliaridade'. (Freud, 2020, p.33; Dunker in Freud, 2020, p.205)

3. O infamiliar na filosofia e na literatura

Autores como Gilles Deleuze e Félix Guattari (2018), Judith Butler (2019) e Slavoj Žižek (1996) pensaram a imersão da estética do estranhamento na política, o que nos ajudará, primeiro, a demonstrar as ressonâncias do conceito freudiano sobre pensadores contemporâneos para, em seguida, avançar em suas consequências para o entendimento das estratégias da extrema direita.

Em sua análise a respeito da literatura de Kafka, Guattari e Deleuze (2018) fazem uma defesa da “literatura menor” enquanto horizonte estético-político, forma de linguagem que alcança uma dimensão infamiliar ao extrapolar sua função significante, evocando acontecimentos que, no limite, invertem causas e efeitos, fazendo emergir as “potências diabólicas que batem à porta” (Guattari & Deleuze, 2018, p.13). Nessa forma estética, lembram os autores, se dá uma subversão dos elementos da imitação, de modo que cópia e original se dissolvem ao ponto que “o homem não *devém* menos macaco do que o macaco, homem” (Guattari & Deleuze, 2018, p. 25).

Dossiê: Comunicação infamiliar

Em sua tese de doutorado, publicada em 2013, o pesquisador Benito Eduardo Araujo Maeso investigou a dimensão inquietante da obra kafkiana nos termos de uma “estética do estranhamento”, conceito que interessa a este artigo ao permitir uma aproximação entre o infamiliar freudiano e outras perspectivas filosóficas. Assim como, segundo Freud, o infamiliar está no íntimo que se torna aterrorizante, na literatura de Kafka, “aquilo que lhe causa o estranhamento incita perguntas sobre o que antes parecia banal” (Maeso, 2013, p.30).

Essa dimensão estético-política da estranheza também pode ser observada na obra de Judith Butler, em especial em relação ao conceito de repetição subversiva. No contexto da performance *queer*, Butler aposta na potência política de um discurso que se repete de tal modo que suas fraturas sejam expostas, o que ela chama de “ressignificação *queer* do simbólico” (Butler, 2019, p.196). Em outras palavras, um discurso que “pode ser ‘devolvido’ ao falante de uma forma diferente, que pode ser citado contra seus propósitos originais e performatizar uma inversão de efeitos” (Butler, 2021, p.32).

Pensada como resistência contra as heteronormatividades, tal performance provoca a sensação de estranhamento ao evocar uma semelhança inquietante entre os gêneros *queer* e heteronormativo, ambos depositários da mesma contingência, da mesma fragilidade imitativa. O estranhamento também aparece como ferramenta de grande potencial político nas intervenções da Nova Escola Eslovena (NSK), coletivo artístico do qual fez parte o filósofo Slavoj Žižek, e que ganhou fama nacional e internacional ao provocar os poderes estabelecidos em suas intervenções que miravam o sintoma de discursos ideológicos, sejam eles socialistas ou capitalistas.

Dossiê: Comunicação infamiliar

Na banda Laibach, integrante do NSK, articulavam-se elementos sígnicos do nazismo e do stalinismo, em meio a símbolos nacionais da cultura Volk eslovena, modo de expor os traumas (Žižek, 1996, p.39) ou os ruídos (Monroe, 2005, p.239) da ideologia dominante, evocando o estranhamento próprio à fusão de duas ideologias que se pretendiam opostas. Para Alexei Monroe (2005), autor da biografia da NSK, a partir desse procedimento, chamado de superidentificação, o público tem a sensação de estar diante de um “novo original” (Monroe, 2005, p.271), como se a união de um discurso com os seus elementos obscenos construísse uma cópia ainda mais verdadeira. Tal estratégia, vale destacar, se colocava num contexto de crítica ao caráter cínico das ideologias contemporâneas. Analogamente,

O enfrentamento do neoliberalismo não pode ser feito como outrora, a partir de uma crítica da ideologia. Se a ideologia era então entendida como falsa consciência, hoje, em tempos de cinismo, não é mais possível pensar em raspar uma camada de significação dos discursos para apontá-los como falsos ou inverossímeis. (Prado, 2017, p.13).

4.Extrema direita: apropriação do estranhamento?

Como observam Iannini e Rocha (2020, p.185), “o duplo, assim como o infamiliar que lhe é correlativo, refere-se justamente à expressão do não-idêntico no seio da identidade, fazendo desmoronar a unidade ali imaginariamente suposta e mantida”. Para além da vasta tradição literária a respeito dos duplos, somada à elaboração freudiana, o presente artigo destaca a presença da estética do estranhamento na obra de alguns pensadores, chamando atenção para seus usos políticos, da esquerda à extrema direita. Afinal de contas, se foi o campo progressista que descobriu o sintoma

Dossiê: Comunicação infamiliar

como ponto de desestabilização do *status quo*, é a extrema direita que atualmente mobiliza este “inquietante duplo” como provocação às inconsistências da democracia liberal, à qual ela se liga de forma ambivalente, numa “dança frenética que atropela e vira do avesso todas as regras estabelecidas” (Da Empoli, 2019, p.12).

Como dito em livro recente (Prado *et al*, 2022), que analisa a ida das multidões às ruas em 2013, colocando em xeque o pacto de conciliação entre PT e PSDB, as “redes de comunicação emergiram durante a década (2010-2020) rompendo os parâmetros agonísticos da democracia liberal representativa e causando uma sobrecarga no circuito dos afetos, levando à polarização entre correntes antagonísticas e, finalmente, à exploração afetiva do ódio” (Prado *et al*, 2022, p. 10; Safatle, 2015; Prado, 2013). Tudo isso já foi exaustivamente examinado por vários autores, mas o que interessa aqui é como o exame do infamiliar nos auxilia a entender o modo de operação da extrema direita nas redes.

Evocando a já mencionada relação perversa da extrema direita com o neoliberalismo, podemos aprofundá-la para a globalização e a própria modernidade iluminista, já que explorar a estranheza daquilo que nos parece familiar aparece como eixo central da atuação deste campo – criando, por exemplo, teorias da conspiração para unir os diferentes em torno da salvação do país numa guerra cultural contra o inimigo: o progressismo, a ciência e a razão moderna. O que reúne a família do conservadorismo extremo é um efeito de infamiliaridade que brota do modo hegemônico atual de organizar a vida social. Diz Teitelbaum que os acólitos da extrema direita, em especial os tradicionalistas,

afirmam se opor à modernidade. (...) Embora tendamos a pensar em *moderno* como aquilo que é novo ou atualizado, eles se referem à modernidade, da mesma forma que um historiador ou um cientista social o

Dossiê: Comunicação infamiliar

faria, tanto como um método de organização da vida social quanto como um período de tempo em que esse método veio a predominar na Europa e no mundo europeizado, o que equivale a dizer de 1800 em diante. De modo geral pode-se afirmar que a modernização envolve o recuo da religião pública em favor da razão, o que corresponde a um enfraquecimento do simbólico em favor do literal e a um interesse decrescente em coisas que não são matematizadas e quantificadas -- espírito, emoções, sobrenatural - em favor das coisas materiais (Teitelbaum, 2020, p.20).

Ao partilhar o grito antissistema, desfamiliarizando o que o senso comum entendia por ambiente democrático, colocando-se contra a política pós-Constituição de 1988, a extrema direita constrói uma nova familiaridade identitária para seus acólitos. Ao *assombrar* as teses do campo progressista (igualdade, antirracismo, aborto, liberação de drogas, fluidez de gêneros etc.), o bolsonarismo o faz provar do próprio veneno, evocando, por exemplo, a autoridade de negros e mulheres de seu próprio campo (Solano *et al*, 2023) a partir do padrão moral do lugar de fala, defendido pelos progressistas. Desse modo, figuras como Damara Alves (ex-ministra do governo Bolsonaro) e Sérgio Camargo (ex-presidente da Fundação Palmares) teriam legitimidade para, respectivamente, atentar contra os direitos humanos e as políticas de igualdade racial por critérios definidos pela própria esquerda. No mesmo sentido, frases feministas, tal qual “lute como uma garota”, estamparam peças de comunicação da campanha bolsonarista em 2018 (Cesarino, 2019). Como vimos na repetição subversiva de Butler, ao se engajar com a forma discursiva do seu adversário, a extrema direita evoca um duplo infamiliar em que esse mesmo discurso aparece eivado de contradições e esvaziamentos.

5. Os memes

Antes de entrarmos em alguns exemplos do infamiliar na comunicação digital bolsonarista, é importante falar dos regimes de propagação dos memes e da constituição das cadeias meméticas nas redes. As estratégias discursivas nessas cadeias de memes se articulam com outras, dentro do que Mendes e Alzamora, ao analisar as mensagens bolsonaristas durante a pandemia, chamaram de ambiente de desordem comunicacional (2023), em que as mensagens operam transmidiaticamente: "o universo semântico da desordem comunicacional que delineia a infodemia de covid-19 é bem mais amplo que a noção de notícia falsa como antítese inferida de notícia verdadeira" (Mendes & Alzamora, 2023, p.194). As estratégias, vale dizer, devem ser estudadas a partir da dinâmica de propagação e de construção de sentidos. Nesse sentido, Fechine (2019) propõe, a partir de estudo de propagação de memes no Facebook, como regimes de propagação nas redes: *replicação*, *imitação*, *recriação* e *invenção*. Na replicação, um conteúdo é passado adiante, com o mínimo de alteração: "o usuário que compartilha ou repassa determinado conteúdo o faz com base em comportamentos previstos e/ou previsíveis das redes sociais" (Mendes e Alzamora, 2023, p.200). A imitação é o modo mais usado de propagação de memes no Facebook, de acordo com a autora, implicando "numa não-diferença em relação a uma forma geradora". Diz Fechine:

Por se tratar de uma repetição variada, a imitação implica em modificações em distintos graus de um texto preexistente, a partir de reinterpretações do tópico discursivo em torno do qual este se organizou. As formas imitáveis possuem, portanto, elementos variáveis, que podem ser modificados de acordo com sua estruturação, com os propósitos de repetição e com as determinações do contexto. Ou seja, as formas imitadas manifestam-se sempre como versões de uma outra cuja organização a torna imitável. Nas mídias sociais, a propagação por imitação costuma estar associada, por exemplo, aos

Dossiê: Comunicação infamiliar

mais diversos usos do sampling e do remixing. Este último corresponde, geralmente, a remontagens, 'reedições' e reorganizações do texto preexistente. O sampling, por sua vez, costuma estar associado à extração de partes de um texto para uso em outro. (Fechine, 2019, pp.41-42).

Assim, na imitação trata-se de aproveitar um mesmo tópico discursivo, mas "explorando sua variação a partir de repetições recontextualizadas de determinados temas e/ou figuras" (Fechine, 2019, p.42).

A recriação envolve um segundo grau, pois as formas imitadas sofrem variações temáticas ou figurativas, caracterizando "variações sobre variações" (Fechine, 2019, p.49). Por último, a invenção, em que ocorre um acidente criativo, em que entram em cena o acaso, a diferença. Não abordaremos em detalhe esses regimes, pois nosso interesse está no uso do infamiliar na estratégia imitativa. Por isso remetemos o leitor para Fechine (2019) e Mendes e Alzamora (2023).

Em sua pesquisa sobre o bolsonarismo digital, Ferraz e Saint Clair (2022) materializam o diagnóstico de Klein (2023) ao apontarem para "inquietantes duplos" no léxico bolsonarista do Twitter. Em sua análise de campanhas feitas em torno do 7 de Setembro de 2021, os pesquisadores destacam a estratégia de "produzir duplos de palavras tradicionalmente atreladas ao léxico democrático" (Ferraz & Saint Clair, 2022, p.13), em especial, a palavra "liberdade", numa espécie de tática de assombração cujo efeito é de estranhamento – em última análise, o público bolsonarista responde às acusações de "antidemocráticos" evocando o seu contrário: a ampliação dos significados de "democracia", uma ampliação que "subverte e assombra seu potencial insurgente" (Ferraz & Saint Clair, p.18).

No diagnóstico de Klein, bem como de Ferraz e Saint-Clair, vemos a demonstração do que a antropologia digital de Letícia Cesarino tem chamado de englobamento do contrário, resultado de um

Dossiê: Comunicação infamiliar

colapso sistêmico que remete às plataformas digitais como terreno da antiestrutura. Em outras palavras, o sistema caminha para seus limites estruturais de tal forma que “vemos uma pressão pelo englobamento do público pelo privado, da igualdade pela diferença, do fato pela ficção etc” (Cesarino, 2022, p.20).

Na propagação memética do bolsonarismo digital, há exemplos claros de como essa inversão discursiva ocorre para provocar os progressistas. À pergunta de “Quem mandou matar Marielle?”, coro levado adiante pelo campo progressista após anos de investigação sobre o assassinato da então vereadora do Rio de Janeiro, a extrema direita responde com um “Quem mandou matar Bolsonaro?” (figura 1), pergunta que dialoga com a tese, bastante difundida nas redes bolsonaristas, de que haveria um mandante para a tentativa de assassinato sofrida pelo então candidato em 2018.



Figura 1 - Versão infamiliar da pergunta “Quem mandou matar X?”, na qual a representante de “X”, Marielle, é substituída por seu antagonista político (Disponível em: https://x.com/coronel_meira/status/1774049226676207646/photo/1)

Outro exemplo está nos memes que exploram a participação do então presidente no Jornal Nacional, durante a campanha de 2018, com as supostas “invertidas” dadas por Bolsonaro aos entrevistadores. Diante da acusação de machismo, bolsonaristas sugerem que, ao contrário, o capitão reformado seria o único candidato verdadeiramente feminista, em razão de sua coragem para contestar a suposta desigualdade salarial entre os apresentadores do jornal da emissora (figura 2).



Figura 2 - O então secretário do governo Bolsonaro provoca a Rede Globo ao apontar supostas contradições em sua defesa da igualdade entre homens e mulheres (Disponível em: <https://x.com/filgmartin/status/1034620570606948352/photo/1>).

Em ambos os casos, há um estranhamento que deriva, primeiro, ao vermos um mantra progressista ser deslocado para a extrema direita e ganhar contornos políticos inesperados e, segundo, na tentativa de reivindicar uma bandeira de esquerda (a igualdade de gênero) para o campo bolsonarista. Em sua dissertação de mestrado, Burgos (2023) explorou esse efeito de estranhamento dos memes bolsonaristas, evocando dois episódios do bolsonarismo frente à revista *IstoÉ* (Burgos, 2023): primeiro, ao pintar Bolsonaro como o personagem Coringa (figura 3), a capa de *IstoÉ* pretendia desqualificá-lo enquanto um presidente “inconsequente”, “irresponsável” e “insano”. No universo do X

Dossiê: Comunicação infamiliar

(antigo Twitter), entretanto, o ecossistema bolsonarista mostrou apreço pela capa, se apropriando, de modo infamiliar, da #Bolsoringa. O infamiliar aqui opera a partir do regime imitativo de que falamos antes, mas introduzindo um aspecto de invenção na imitação. Assim, sem pretender isso, o periódico deu as cartas para defensores do presidente elogiarem seu *ethos* antissistema.



Figura 3 - A capa de *IstoÉ* (edição de 13/11/2020) ao lado de sua versão infamiliar, elaborada pelas redes bolsonaristas (Disponível em: <https://twitter.com/U2Cassio/status/1329085593314238465/photo/1>).

No ano seguinte, o mesmo periódico associou Bolsonaro ao personagem Robert Neville, de *Eu Sou a Lenda*, filme norte-americano de 2008 em que Will Smith protagoniza o sobrevivente de uma pandemia. Não obstante a pretensão de pintar Bolsonaro como um gângster para denunciar seu descaso com a economia do país, *IstoÉ*, mais uma vez, produziu uma figura bastante familiar para as

Dossiê: Comunicação infamiliar

redes bolsonaristas, que viram no Bolsonaro de *Eu Sou a Lenda* a encarnação de um sujeito antissistema e disposto a comprar briga contra o Congresso Nacional, associado à corrupção. Como recuperado por Burgos (2023), o Twitter bolsonarista assim reagiu diante do episódio: “Esse cara me representa”; “Super capa. Adoramos o novo ‘mito’ ‘meme’”; “A esquerda até quando quer atrapalhar ajuda”; “A *IstoÉ* começou a ser mais bolsonarista que eu”. Aqui novamente temos o infamiliar acoplado a um regime de propagação imitativo (figura 4).



Figura 4 - A capa de *IstoÉ* (edição de 26/02/2021) ao lado de uma apropriação infamiliar, elaborada pelas redes bolsonaristas (Disponível em: https://twitter.com/Clau_direita/status/1366406314411368450).

Se somamos estes casos de estudo com outros diagnósticos sobre a extrema direita, como os de Holmes e Krastev (2019), Nunes (2020), Fachine (2019) e Avelar (2021), observamos a importância de pensar aproximações entre a extrema direita contemporânea e estratégias comunicacionais de produção de estranhamento, as quais têm sido muito bem-sucedidas em expor traumas e

Dossiê: Comunicação infamiliar

inconsistências que são basilares a qualquer identidade – um procedimento típico da infamiliaridade freudiana.

6. Considerações finais: uma semelhança inquietante

Ao desenvolver personagens criados por seus críticos, a extrema direita produz, esteticamente, o efeito mencionado anteriormente, de uma cópia que soa ainda mais verdadeira que a versão original, resultado da tática de assombramento que consiste em jogar o discurso do adversário contra ele mesmo. A estratégia dos *trolls* bolsonaristas é de subverter a lógica da imitação segundo a qual o imitador presta contas ao imitado, um “posicionamento ainda hierárquico, uma vez que o imitador está sempre, por definição, submetido a um *fazer* daquele (ou daquilo) ao qual imita” (Fechine, 2019, p. 42). Assim, os memes bolsonaristas produzem, esteticamente, um efeito de estranhamento que consiste numa *semelhança inquietante* entre as capas e suas apropriações. Mariana Pessoa de Barros (2021) propôs compreender os processos de semelhança e diferença na propagação de memes, respectivamente, à luz dos conceitos de intensidade (invenção; diferença) e extensidade (replicação; semelhança). Desse modo, a geração de estesia, de impacto sensível, em um meme estaria associada ao processo de invenção e à intensidade que o acompanha.

A invenção no meme diz respeito ao engajamento subjetivo, próprio da intensidade, pois possibilita a participação, por meio de suas modificações e de seu compartilhamento, num processo de reenunciação. Ao mesmo tempo, gera, entre os enunciatários, a curiosidade e a surpresa da descoberta do que há de novo em determinada série. Já a replicação, que funciona numa lógica inversa, a da extensidade, não age pelo impacto, mas oferece a possibilidade de previsão, de encontrar aquilo que era esperado e que se

Dossiê: Comunicação infamiliar

pode compreender sem grandes arroubos. O efeito é de conforto do conhecido. (Pessoa de Barros, 2021, p. 5870).

Nesse sentido, a trollagem bolsonarista aponta para uma intervenção estético-semiótica, num processo de imitação-invenção que choca, isto é, produz estesia, por ser *semelhante demais* – e não diferente. Desse modo, esvaziam-se os signos de denúncia do campo progressista, assombrando-os em seu “carnaval populista”, como definido por Da Empoli (2019). Trata-se de jogar com as ordens e sentidos estabelecidos, esticando-as ao ponto que o seu sintoma vem à tona em forma de desgaste de um dado discurso. Como afirma Burgos (2023, p. 83-84), “em tempos de cancelamento do futuro, que eleva as reapropriações estéticas e discursivas à condição de horizonte político, a extrema direita parece ter descoberto o caminho da criação *possível*: produzir diferença por meio de uma semelhança inquietante”.

Referências

- Agamben, G. (2002). *Homo Sacer*. O poder soberano e a vida nua I. Humanitas/UFMG.
- Avelar, I. (2021). *Eles em nós: Retórica e antagonismo político no Brasil do século XXI*. Edição do Kindle (*E-book*). Record.
- Beran, D. (2019) *It came from something awful*. Edição do Kindle (*E-book*). St. Martin 's Publishing Group.
- Burgos, R. (2023). *Bolsonarismo como revolta infamiliar: a estética do estranhamento em memes no Twitter*. [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].
- Butler, J. (2021). *Discurso de ódio: uma política do performativo*. Editora Unesp.
- Butler, J. (2019). *Corpos Que Importam: os limites discursivos do "sexo"*. N-1 edições.
- Cesarino, L. (2022). *O mundo do avesso - verdade e política na era digital*. Ubu Editora.
- Cesarino, L. (2019). Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & Sociedade*, 1(1). "Pós-verdade: uma explicação cibernética". Ilha – Revista de Antropologia.
- Da Empoli, G. (2019). *Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições*. *E-book*. Vestígio Editora.
- Dunker, C. (2020). Animismo e indeterminação em *Das Unheimlich*. In Freud, S. *O infamiliar*. Autêntica.
- Fechine, Y. (2019). *Cultura participativa e interação - uma abordagem sociossemiótica da propagação em redes sociais digitais*. CPS.
- Ferraz, M. C. F. & Saint Clair, E. (2022). Políticas da assombração: o populismo bolsonarista como produção de inquietantes duplos. *Galáxia*, 47.
- Freud, S. *O infamiliar*. (2020). Autêntica.
- Guattari, F. & Deleuze, G. (2018). *Kafka: por uma literatura menor*. Autêntica Editora.
- Holmes, S. & Krastev, I. (2019). *The Light that Failed: A Reckoning*. Penguin Books.
- Iannini, G. (2024). *Freud no século XXI*. Autêntica.
- Iannini, G. & Rocha, G. (2020). O infamiliar, mais além do sublime. In: Freud, S. *O infamiliar*. Autêntica.
- Klein, N. (2023). *Doppelganger: A Trip into the Mirror World*. Allen Lane.

Dossiê: Comunicação infamiliar

Kotsko, A. (2018). The Political Theology of Neoliberalism. *State of Nature*.
<https://stateofnatureblog.com/adam-kotsko-political-theology-neoliberalism/>

Maeso, B. E. A. (2013). *Kafka: estética e política do estranhamento*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo].

Mendes, C. M. & Alzamora, G. C. (2023). Lógicas da propagação da informação e da desinformação no contexto da pandemia de covid-19: abordagem semiótica. *Revista Matrizes*, 17(1).

Monroe. A. (2005). *Interrogation machine: Laibach and NSK*. The MIT Press.

Nagle, A. (2017). *Kill all normies: Online culture wars from Tumblr and 4chan to the alt-right and Trump*. E-book. Winchester, Zer0 Books.

Nunes, R. (2020). Alvim errou a mão na trollagem nazi inspirada na direita dos EUA. *Folha de S. Paulo*.
<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/01/alvim-errou-a-mao-na-trollagem-bolsonarista-inspirada-na-direita-dos-eua.shtml>.

Pessoa de Barros, M. L. (2021). Notas semióticas sobre memes. *Fórum Linguístico*, 18.

Phillips, W. (2015). *This is why we can't have nice things: mapping the relationship between online trolling and mainstream culture*. The MIT Press.

Prado, J. L. A. (2022). Circulação e midiatização capitalizadora nas sociedades hipermidiatizadas. In Ferreira, J. et al (org.) *Sapiens midiatizado*. Conhecimentos comunicacionais na constituição da espécie. UFSM.

Prado, J. L. A. (2020). Da captura pulsional ao acontecimento de corpo. In Mendes de Barros, L. *Produção de sentido na cultura midiatizada*. (pp. 50-70). Editora UFMG.

Prado, J. L. A. (2017). Decifrando os pontos sintomáticos do capitalismo comunicacional. In Prado, J. L. A.; Prates, V. *Sintoma e fantasia no capitalismo comunicacional*. Estação das Letras e Cores.

Prado, J. L. A. (2017a). Reconhecimento tenso, acontecimento inaugural: na direção de outra comunicação. *Revista e-Compós*, 20(1).

Prado, J. L. A. (2013). *Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais*. Educ.

Prado, J. L. A., Pereira, H. P. & Prates, V. (2022). *Comunicação em rede na década do ódio*: afetos e discursos em disputa na política. Estação das Letras e Cores.

Safatle, V. (2015). *O circuito dos afetos*. Cosac Naify.

Dossiê: Comunicação infamiliar

Solano, E., Rocha, C. & Sendretti, L. (2023). Mulheres de extrema direita: empoderamento feminino e valorização moral da mulher. *Caderno CRH*, 36, e023040.

Teitelbaum, B. (2020). *Guerra pela eternidade*. Editora da Unicamp.

Veras, M. (2023). *A morte de si*. Cult.

Žižek, S. (2015). *A visão em paralaxe*. Boitempo editorial.

Žižek, S. (1996). *Um mapa da ideologia*. Contraponto. E-book.